

**O grupo Ser Educacional S.A, a governança corporativa e as estratégias de lucratividade:
expansão EaD e cultura digital**

*The Ser Educacional S.A. group, corporate governance and profitability strategies: distance
learning expansion and digital culture*

Fabíola Bouth Grello Kato
Amanda Oliveira de Almeida Alves
Elioenai Silva Lazame
Universidade Federal do Pará (UFPA)
Belém, Pará, Brasil

Resumo

No contexto de avanço da financeirização nas educações básica e superior, com empresas educacionais em regime de negócios na bolsa de valores do Brasil, este artigo objetiva investigar as estratégias de lucratividade do grupo Ser Educacional S.A, a partir do ano de 2017, analisando a expansão de Polos EaD e a incorporação da cultura digital como estratégia de expansão e maximização do valor acionário da holding. Trata-se de pesquisa de base documental, na qual foram coletados e examinados os demonstrativos financeiros da empresa (2017-2024) e os dados constantes no Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior do Ministério da Educação (e-MEC), apontando que o Grupo tem direcionado sua expansão pela EaD e na criação de uma cultura digital, por meio do projeto Ser Digital e no uso de plataformas multicanais e pela aquisição de conteúdos próprios de alta tecnologia.

Palavras-chave: Financeirização da Educação; Ser Educacional S.A; Governança Corporativa.

Abstract

In the context of advancing financialization in basic and higher education, with educational companies operating on the Brazilian stock exchange, this article aims to investigate the profitability strategies of the Ser Educacional S.A group, from 2017 onwards, analyzing the expansion of DL Centers and the incorporation of digital culture as an expansion strategy and maximizing the holding's shareholder value. This is a documentary-based research, in which the company's financial reports (2017-2024) and the data contained in the National Register of Courses and Higher Education Institutions of the Ministry of Education (e-MEC) were collected and examined, pointing out that the Group has focused its expansion on distance learning and the creation of a digital culture, through the Ser digital project and the use of multichannel platforms and the acquisition of its own high-tech content.

Keywords: Financialization of Education; Ser Educacional S.A; Corporate governance.

Introdução

De acordo com Sawyer (2013), a financeirização “é um termo complexo, contendo diversas dimensões e aspectos”, podendo se referir a: 1) expansão e proliferação dos mercados financeiros ao longo dos últimos trinta anos; 2) desregulamentação do sistema financeiro e da economia; 3) expansão e proliferação de recursos financeiros, instrumentos e serviços financeiros, instituições, mercados, créditos, hipotecas e subprime; 4) seu consumo sustentado pela extensão do crédito; 5) uma cultura particular, orientada pelo endividamento. Desse ponto de vista argumentado por Sawyer (2013), a financeirização não se trata apenas da expansão de instrumentos e estruturas financeiras, mas também na penetração desse financiamento em áreas de reprodução econômica e social antes impenetradas, como saúde, educação, previdência, habitação, entre outros.

Portanto, podemos definir a financeirização como um fenômeno designado para expressar as alterações ocorridas nas últimas quatro décadas na estruturação e valorização da riqueza capitalista e nas novas operações das estratégias e mercados financeiros. Belluzzo (2005, p. 10) enumera algumas características centrais dessa nova etapa do capitalismo: “o maior peso da riqueza financeira sob a riqueza total; o poder crescente dos administradores da massa de ativos mobiliários (fundos mútuos, fundos de pensão, seguros)”, além do novo papel atribuído às agências de classificação de risco, significando, inclusive na interferência na política econômica dos países.

Esta nova configuração da economia e da destinação dos recursos, que foram transformados em títulos negociáveis, juntamente com o enfraquecimento dos bancos comerciais e o novo papel dos investidores institucionais (fundos de pensão, fundos mútuos...), passa a concentrar parte significativa dos investimentos de empresas e indivíduos, além de darem o tom das novas formas de valorização do capital. Esse conjunto de novas estratégias financeiras, induzido pelo enfraquecimento do pacto keynesiano, é de escopo mundial e passa a exigir mudanças estruturais nos países, enfraquecendo suas soberanias.

Ainda de acordo com Belluzzo, o novo papel das finanças exige novas estratégias de concorrência entre as empresas dominantes, utilizando novos modos de gestão, como é o caso da Governança Corporativa (GC), orientada pelo auspício da redução dos custos (redução de postos de trabalho e redefinição dos tipos de contrato de trabalho), deslocando a criação de valor para a esfera financeira, alçando os acionistas a uma nova esfera de poder,

bem como os administradores com novas modalidades de remuneração e participação nas empresas (Belluzzo, 2005).

Segundo Chesnais (1998), a financeirização, grosso modo, refere-se ao domínio das finanças sobre outras áreas da economia, em que os lucros são obtidos [predominantemente] por meio de operações financeiras ao invés de atividades produtivas. Brettas (2020) afirma que no caso das políticas sociais a financeirização é um fenômeno que apresenta grande impacto, porque implica em áreas como educação, saúde e previdência social que, seguindo a lógica do capital financeirizado², convertem-se em mercadorias lucrativas ou ativos financeiros a serem negociados.

No Brasil, a financeirização da educação superior se fortaleceu com a Oferta Pública Inicial (IPO) gradativa, com início em 2007, de grandes grupos privados que operam no nível de ensino superior. Para tanto, diversos fatores e momentos históricos foram necessários, com destaque para promulgação da Constituição Federal de 1988, que reconheceu a categoria administrativa privada com fins lucrativos, permitindo a aferição de lucro por meio da mercantilização da oferta educacional.

Já nos anos 2000, programas governamentais de acesso estudantil, como o Programa Universidade para Todos (ProUni) e o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), representaram os primeiros traços de uma política indutora de expansão do setor com origem no fundo público; além de alterações jurídicos-normativas e a organização política do setor, com destaque para a criação do FERESP (Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior particular)¹, em 2008. A partir de 2007, alguns conglomerados educacionais expandiram suas operações por meio da abertura de capital na bolsa de valores brasileira (B3), além do movimento de fusões e aquisições.

Atualmente, os maiores grupos educacionais privados que operam no ensino superior brasileiro listados na bolsa de valores de São Paulo (B3) são: Ânima Educação (ANIM3), com abertura de capital em 2013; Cogna Educação (COGN3), que abriu capital em 2007; Cruzeiro do Sul Educacional (CSED3), abrindo capital em 2020; Ser Educacional (SEER3), com abertura de capital em 2013; YDUQS (YDUQ3), em 2007; Vitru Educação (VTRU3), em 2024; e AFYA (A2FY34), que abriu capital em 2023. Essas empresas costumam ter uma estrutura corporativa consolidada, com unidades espalhadas por diferentes regiões do país e uma oferta diversificada de cursos e modalidades de ensino.

É neste contexto que se insere a GC, objeto de estudo deste artigo. As empresas educacionais adotam a governança corporativa por ser um modelo de gestão orientado pela eficiência, pela lucratividade e pela satisfação dos interesses dos acionistas (Coutrot, 2005). Além disso, perante a necessidade de aumentar sua rentabilidade, esses grupos, a exemplo do Grupo Ser, têm investido na educação à distância (EaD) e no desenvolvimento da chamada “cultura digital” como uma importante estratégia para aumentar os lucros e diminuir as despesas operacionais.

Sendo assim, este artigo³ tem como objetivo central analisar as estratégias de lucratividade do Grupo Ser Educacional S.A, com foco na expansão da EaD e na incorporação da cultura digital. Como metodologia, adotou-se a pesquisa bibliográfica, tendo como base teórica autores de extração marxista (Chesnais, 1996, 2005; Coutrot 2005; Plihon, 2005; Brettas, 2020), além de realizar uma pesquisa documental na plataforma do Cadastro Nacional de Cursos e Instituições de Educação Superior do Ministério da Educação (e-MEC), onde constam documentos das Instituições de Ensino Superior (IES), tais como: declarações, resoluções e portarias. Também foram utilizados os demonstrativos financeiros, relatórios de sustentabilidade e *realease* de resultados publicados no site institucional do grupo investigado, do período de 2017 a 2024.

Para efeito de levantamento no e-MEC, foram selecionadas cinco IES pertencentes ao grupo Ser Educacional, considerando como critérios de inclusão as instituições que apresentam a categoria administrativa “com fins lucrativos” e que concentram documentos sobre a criação de polos presenciais e autorização para a oferta de cursos à distância, são elas: Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU), Universidade da Amazônia (UNAMA), Centro Universitário do Norte (UNINORTE), Centro Universitário Fael (UNIFAEL) e Centro Universitário Joaquim Nabuco (UNINABUCO). A pesquisa na plataforma supracitada foi realizada por meio do código de cada Instituição de Ensino Superior (IES), seguida da opção “atos regulatórios”, onde se encontram os documentos publicados pelas IES, delimitou-se o recorte temporal de 2017 a junho de 2024. O recorte temporal selecionado é de 2017 a julho de 2024 pelo fato de o ano de 2017 ser considerado um marco regulatório da EaD, devido à publicação do Decreto nº 9.057/17, de 25 de maio de 2017, que flexibilizou as regras para oferta e credenciamento da modalidade.

O artigo está estruturado em quatro seções, além das considerações finais. A primeira seção aborda o histórico de criação do grupo Ser Educacional e sua adesão à governança

corporativa. Na segunda seção, estudamos brevemente a governança corporativa e as estratégias de maximização do valor acionário. Já na terceira seção, as estratégias de lucratividade da empresa de 2017 a 2024 são apresentadas. Por fim, na última seção, discute-se a incorporação da cultura digital e suas repercussões nas atividades educacionais.

Histórico do Grupo Ser Educacional S.A

A trajetória histórica do grupo Ser Educacional, conforme destacada em seu site institucional, demonstra que as atividades educacionais do grupo tiveram início em 1994, na cidade de Recife-PE, funcionando como cursinho preparatório para concursos públicos na época. Anos depois, tornou-se referência na oferta de cursos preparatórios específicos para área do Direito, com o nome Complexo Bureau Jurídico Cursos (Ser Educacional S.A, 2024). Em 2003, o Complexo passou a ofertar cursos de ensino superior a partir do credenciamento da Faculdade Maurício de Nassau (Ser Educacional S.A, 2024).

Com pouco tempo de existência, a Faculdade Maurício de Nassau cresceu e se consolidou não apenas no Nordeste, mas também na região Norte do país, cumprindo com um dos objetivos traçados pelo fundador e líder da empresa, Janguê Diniz, o de “crescimento e ampliação de sua estrutura, visando viabilizar seu projeto de expansão para os principais municípios do Norte e Nordeste” (Ser Educacional, 2024).

A partir de 2007, a empresa passou por muitas transformações para dar continuidade ao seu projeto de expansão, com o intuito de se adequar aos padrões das empresas que comercializam ações na Bolsa de Valores. Dentre essas mudanças, destacam-se: a consolidação da política de governança corporativa, com a implantação de um Conselho Consultivo para redefinir o seu planejamento estratégico; a uniformização das matrizes curriculares e dos planos de ensino das disciplinas; e a implantação de auditorias acadêmicas (Ser Educacional, 2024).

Em 2010, a Faculdade Maurício de Nassau mudou o seu nome para Ser Educacional S.A., sendo mais uma estratégia para a reestruturação dos processos internos da empresa. Em 2013, a Ser Educacional S.A. realizou a sua Primeira Oferta Pública de Ações (IPO) na Bolsa de Valores de São Paulo (BM&FBovespa), no segmento “Novo Mercado”, tornando-se, portanto, uma empresa de capital aberto (Ser Educacional, 2024). Desde então, a expansão da empresa é motivada pelo interesse de valorização do seu capital no mercado financeiro, com o propósito de atender às expectativas de lucros de seus acionistas.

O crescimento da empresa se dá ao adquirir instituições menores, que precisam se adequar ao modelo de gestão corporativa da Ser Educacional, o que resulta em alterações administrativas, financeiras, acadêmicas e nas relações de trabalho. Kato, Costa e Cordeiro (2023, p. 5-6) explicam que, com a abertura de capital e adoção da governança corporativa, as atividades da empresa passaram a ser orientadas pela cultura da rentabilidade, significando a diminuição do investimento bruto em educação, com vistas ao aumento da distribuição de dividendos.

Já em 2024, segundo o site institucional do grupo, as instituições de ensino superior mantidas pela empresa são: UNAMA, UNINASSAU, UNINORTE, UNG, UNINABUCO E UNIFAEL (Ser Educacional, 2024). A empresa desenvolve e administra atividades na área de ensino de graduação, pós-graduação e formação profissional, nas modalidades presencial, híbrido e EaD/ensino digital, além de apresentar como missão formar “profissionais e seres humanos empreendedores e inovadores, preparados para o mundo global do trabalho presente e futuro” (Ser Educacional, 2024).

Quanto a sua estrutura acionária, os principais proprietários são a Oceana Investimentos ACVM LTDA e o seu sócio fundador, Janguê Diniz. Sua composição também conta com a participação de fundo de investimento nacional e internacional e a remuneração da sua diretoria soma 6 milhões e 472 mil anuais para os 5 membros (Tri continental, 2023).

A governança corporativa e as estratégias de maximização do valor acionário.

Nos documentos tradicionais de administração, o conceito de governança corporativa se refere a um conjunto de práticas cuja finalidade principal é criar condições mais favoráveis ao desempenho da companhia/corporação, tendo como horizonte a maximização do valor acionário.

A governança corporativa é a estrutura de poder que orienta e controla uma empresa corporativa, obedecendo a uma estrutura de organização que, por via de regra, são estruturadas por um conjunto de agentes: conselhos de administração, conselhos consultivos, conselhos fiscais, sistemas de auditorias independentes e direção executiva; e estão sob o auspício de princípios como: transparência, equidade e prestação de contas.

O Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa (2015) do Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC) define o conceito de GC como um conjunto de princípios básicos, descrito em recomendações objetivas, que alinha os interesses para o fim

de preservação e otimização do valor econômico de longo prazo de qualquer organização, além de facilitar o acesso a recursos e contribuir para a qualidade da gestão (IBGC, 2015).

No Brasil, “o movimento por boas práticas mostrou-se mais dinâmico a partir das privatizações e a da abertura do mercado nacional nos anos 1990” (Instituto Brasileiro de Governança Corporativa *on-line*), o que implica dizer que as reformas estruturais no Estado e nas relações entre público-privado foram o processo de aderência do país ao capitalismo de predominância financeira (Chesnais, 1996), norteando as publicações de cinco edições do Código das Melhores Práticas de Governança Corporativa, pelo Instituto Brasileiro de Governança Corporativa² (IBGC), criado no ano de 1995.

Polizel e Steinberg (2013), ao situar a governança corporativa no contexto das empresas educacionais brasileiras, retomam as orientações e o diagnóstico do Banco Mundial e Unesco como marco, sob o argumento de um lado da crise do financiamento público e de outro as reformas na educação superior, que incluem novas modalidades de IES e organizações administrativas, baixas taxas de matrículas, elevadas taxas de evasão e repetência (p. 06).

As orientações desses organismos internacionais davam conta de uma indução de políticas públicas para o setor que envolviam: novos modelos de universidade, reestruturação da relação entre IES e governo, ampliação de fontes de financiamento pública e privada, adoção da concepção de educação ao longo da vida, incentivo a fundos privados em investimento em ensino superior e diversificação da capacidade de oferta (Polizel, Steinberg, 2013; Banco Mundial, 1995), sendo a governança corporativa considerada o modelo de gestão adequado para o ambiente de negócios que se desenhava para educação superior, principalmente pela entrada de bancos e fundos de investimentos, ou seja, do setor financeiro no negócio da educação (Polizel, Steinberg, 2013).

A adesão a essa forma de gestão foi impulsionada pela configuração de crescimento da educação superior pela via privada no, a partir dos anos 1990, sendo denominado por Polizel, Steinberg (2013) de “fase de ouro”, fomentado pela aprovação da LDB 9394/96, pela flexibilização das regras de abertura de cursos e expansão no governo de Fernando Henrique Cardoso, a partir 1997, além da diminuição do valor médio das mensalidades, valor este alavancado pela expansão do setor.

De acordo com o código de melhores práticas de governança corporativas publicadas pelo IBGC em 2009:

Governança corporativa é o sistema pelo qual as organizações são dirigidas, monitoradas e incentivadas, envolvendo o relacionamento entre proprietários, Conselho de administração, Diretoria e órgãos de controle. As boas práticas de GC convertem princípios em recomendações objetivas, alinhando interesses com a finalidade de preservar e otimizar o valor da organização, facilitando seu acesso a recursos e contribuindo para a sua longevidade (IBGC, 2009, p19).

Portanto, a GC congrega duas dimensões no contexto do capital financeiro: a primeira diz respeito à repactuação da relação capital-trabalho em virtude do enfraquecimento do pacto social keynesiano/fordista, em que a distribuição da riqueza produzida encontra guarida jurídica, sobretudo na desestruturação dos direitos ao trabalho (pleno-emprego, direitos sociais do trabalho), em que, nas palavras de Plihon (2005), as economias dos países industrializados sofreram profundas transformações no decurso das últimas décadas, marcando uma nova etapa histórica do capitalismo, cuja a característica central é a reconsideração do “compromisso entre capital e trabalho, fundado sobre a divisão negociada dos ganhos de produtividade, assim como o papel ativo das políticas públicas, que haviam prevalecido na fase fordista do capitalismo e reduzido provisoriamente o poder das finanças” (p.134).

O objetivo central, no caso francês analisado por Plihon (2005, p.134), foi:

Proceder ao desmantelamento desse capitalismo de Estado, mediante políticas massivas de privatizações de empresas a partir de 1986 que prosseguiram no início dos anos 2000. Depois dessas privatizações, o coração do sistema produtivo passou às mãos de investidores institucionais, dos quais os mais ativos são estrangeiros. A França foi, assim, de um capitalismo de estado para um capitalismo dominado pela finança internacional. Essa transformação da propriedade do capital tem efeitos consideráveis sobre as políticas dos grandes grupos industriais e financeiros.

Conseqüentemente, as alterações na gestão da empresa também envolvem um nível mais amplo de governança global, uma vez que uma das principais estratégias do capitalismo é a sua mundialização (Chesnais, 1996), o que envolve uma agenda global e novos atores transnacionais como Organização para a Cooperação do Desenvolvimento Econômico (OCDE) e o Banco Mundial, por exemplo.

Essa nova concepção do objetivo de rentabilidade tem conseqüências importantes. Na forma atual do capitalismo, demanda-se as empresas não só produzir lucros (o que era o objetivo dos capitais no regime fordista), mas igualmente obter uma rentabilidade dos capitais engajados igual ou superior às normas internacionais fixadas pelos investidores [...] é assim que os grupos são conduzidos a deslocalizar ou a fechar unidades produtivas que obtêm resultados positivos, mas cuja rentabilidade é julgada insuficiente na escala internacional (Plihon, 2005, p.140).

Empresas educacionais em regime de negócios na bolsa de valores passam a organizar sua gestão seus objetivos institucionais orientados pela lógica da GC, sendo que o principal objetivo não se concentra na sua própria atividade, a educação, mas na valorização do seu capital acionário, na criação de valor acionário ou maximização do valor e do patrimônio acionista (Plihon, 2005, p.140). Por conseguinte, a partir do momento em que tem como objetivo a maximização do valor acionário, a empresa cria critérios de gestão que conduz a uma reorganização da empresa, o que Belluzzo (2005) caracteriza como reengenharia da cadeia de valor, com a finalidade de reorganizar o processo de produção de maneira mais rentável “os grupos são dirigidos atualmente por executivos que acima de toda preocupação, trabalham observando a cotação em bolsa das ações da empresa que os empregou” (Chesnais, 2005, p.22).

De acordo com Coutrot, há cerca de duas décadas, a vida cotidiana das empresas vem sendo marcada diretamente pela pressão dos mercados financeiros pela emergência da GC, caracterizada pelo autor “como um conjunto de normas de organização e gestão que objetiva assegurar que o ajuste da empresa seja guiado pelos interesses dos seus acionistas” (Coutrot, 2005, p. 53).

Estratégias de lucratividade do Grupo Ser Educacional (2017-2024): expansão da EaD e da cultura digital.

No ano de 2007, antes mesmo da primeira oferta (IPO) da empresa, houve um processo de preparação da sua estrutura, como: implantação de um conselho consultivo paralelo à administração da empresa por indicação da Hopper Consultoria, implantação de práticas de governança corporativa, de modo a orientar o planejamento da empresa (Ser Educacional, 2019) e, em 2008, a incorporação de um Conselho de administração como parte da estratégia de consolidação da política de governança (Kato, Chaves e Meguins, 2020).

De acordo com Kato, Costa e Cordeiro (2023, p.12), entre os anos de 2003 e 2013, o Grupo Ser Educacional se preparou, por meio de consultoria profissional, para organização de suas atividades pela adesão a um modelo profissional de gestão. Além disso, houve a alteração do nome da empresa, que passou a se chamar Grupo Ser Educacional S.A., a criação dos conselhos consultivo e de administração, e a unificação de matrizes acadêmicas a todas a IES do grupo, preparando para a abertura de capital na Bolsa de Valores de São Paulo.

Com base no artigo de Kato, Costa e Cordeiro (2023), o segundo período da companhia tem por destaque a abertura de capital na Bolsa, no ano 2013, indo até o ano de 2022. A análise deste segundo período, de acordo com os autores, exige uma periodização, pois:

Ao longo dos últimos 10 anos, a empresa foi refinando suas estratégias de gestão com vistas a acompanhar a incorporação de tecnologias no ambiente educacional, as alterações na regulação estatal sob pressão dessas mesmas companhias – as quais permitiram flexibilizar cada vez mais a oferta educacional – e, de modo decisivo, a criação de riqueza ao acionista (Kato, Costa; Cordeiro, 2023, p. 13).

Na ata publicada em 12/9/2017, sob o título “Aumento de capital social: de 600 milhões de reais para 836 milhões (no mínimo) ou 1 bilhão (máximo)”, os objetivos do aumento de capitais seriam os recursos oriundos do aumento de capital destinados ao fortalecimento da estrutura de capital da companhia, incluindo o financiamento da expansão de seu negócio, por meio de: “(A) aquisições; e (B) investimentos em seu crescimento orgânico, que engloba a expansão e infraestrutura de polos da rede de ensino a distância e investimentos para a instalação de novas unidades presenciais”.

No mesmo ano, a companhia já sinalizava uma nova etapa de investimento, impulsionada pela flexibilização nas regras de EaD, principalmente após a aprovação do Decreto nº 9.057/17, de 25 de maio de 2017 (Brasil, 2017). Para comprovar essa nova estratégia do Grupo, realizamos uma investigação no site e-MEC, onde analisamos um total de 1.336 documentos, sendo 666 da UNINASSAU, 297 da UNAMA, 9 da UNINORTE, 265 da UNIFAEL e 99 da UNINABUCO. Por meio do levantamento documental, foi possível identificar um intenso movimento de criação de polos de todas IES investigadas a partir de 2017. Dessa forma, o quadro abaixo apresenta o número de polos criados pelo grupo, no período de 2017 até o mês de junho de 2024.

Quadro 1 - Número de polos de apoio presencial criados pelo grupo Ser Educacional nas regiões do Brasil (2017 - 06/2024)

IES	Polos presenciais na Região Centro-Oeste	Polos presenciais na Região Norte	Polos presenciais na Região Nordeste	Polos presenciais na Região Sudeste	Polos presenciais na Região Sul
UNINASSAU	121	112	468	295	241
UNAMA	69	204	102	31	38
UNINORTE	-	1	1	-	-
UNIFAEL	44	111	104	78	106
UNINABUCO	28	43	122	44	53

TOTAL	262	471	797	448	438
-------	-----	-----	-----	-----	-----

Fonte: Elaborado pelos autores com base nos dados coletados na plataforma e-MEC (2024).

Os dados demonstram que a região mais expandida foi a Região Nordeste, com a criação de 797 polos presenciais, seguida pela Região Norte, com 471. Por meio dos relatórios financeiros do grupo, há a indicação de que a ampliação da sua estrutura para essas regiões é uma estratégia para aumentar suas vantagens competitivas, o que pode ser comprovado na avaliação da agência de classificação de risco do mercado financeiro *Fitch Ratings*, realizada em 2017, que afirma que a Ser Educacional “se beneficia de menores custos e despesas gerais e administrativas, em decorrência de sua atuação em regiões com menor pressão salarial e custos de aluguel reduzidos” (*Fitch Ratings*, 2017).

No quadro abaixo, apresentamos as estratégias de lucratividade identificadas nos documentos publicados no *site* da empresa, voltadas para o desenvolvimento da cultura digital.

Quadro 2 – Estratégias do grupo Ser Educacional para a incorporação da cultura digital (2017-2024)

2017	<ul style="list-style-type: none"> - Criação de uma plataforma EaD de última geração; - Investimento em uma infraestrutura completa para a EaD (estúdios, professores, comercial e tutoria); - Aumento do número de polos presenciais.
2018	<ul style="list-style-type: none"> - Implantação do SRS (<i>Ser Retention System</i>) e do Tutor Guardiã, como estratégia de combate a evasão na EaD; - Aumento de 72,5% das despesas com publicidade, com foco na captação de alunos EaD; - Contratação de consultoria para o projeto “Ser Digital”.
2019	<ul style="list-style-type: none"> - Lançamento do projeto “Campus 2.0” e dos cursos semipresenciais; - Implantação da transformação digital da empresa: aquisição da <i>Overdrives</i>; uso de realidade aumentada e inteligência artificial; automação de processos; - Incentivo para os docentes aderirem à cultura digital.
2020	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição do portal <i>Beduka</i>, <i>startup</i> no mercado de apoio <i>online</i>;

	<ul style="list-style-type: none"> - Introdução da “Sala Ser Digital”, plataforma colaborativa para aulas virtuais; - Adoção do modelo de educação onipresente UBIQUA; - Implantação da metodologia híbrida; - Lançamento da linha de cursos digitais; - Lançamento do “Campus Digital”; - Lançamento da Gokursos, <i>marketplace</i> de cursos livres.
2021	<ul style="list-style-type: none"> - Aquisição da FAEL, uma das maiores instituições de ensino digital do Brasil; - Aquisições da Starline e da Delinea; - Criação de uma Fintech, oferecendo produtos e serviços financeiros, como conta digital, cartão de crédito, seguros, crédito a colaboradores e a alunos; - Oferta de <i>cashback</i> para alunos que pagam suas mensalidades em dia; - Ensino à distância passa a ser denominado de “Ensino Digital” e ensino presencial passa a ser denominado “Ensino Híbrido”.
2022	<ul style="list-style-type: none"> - Lançamento da primeira fintech focada no atendimento ao segmento de educação continuada, a b.Uni; - Lançamento do Peixe30, uma rede social profissional; - Desenvolvimento do seu ecossistema de educação continuada: oferta combinada de cursos híbridos e digitais.
2023	<ul style="list-style-type: none"> - Investindo em seu portfólio de empresas de tecnologia e saúde para interligá-las cada vez mais em seu ecossistema de educação continuada; - Redução da quantidade de <i>Campi</i> e Polos parceiros em operação.
2024	<ul style="list-style-type: none"> - Otimização da ocupação do parque imobiliário locado por meio da devolução de imóveis locados, visando aumentar a experiência do ensino híbrido.

Fonte: Elaborado pelas autoras com base nos dados coletados na plataforma e-MEC (2024).

Ainda no ano de 2017, a Ser Educacional investiu na criação de uma nova estrutura para as atividades EaD. No relatório do terceiro trimestre do referido ano, a empresa afirma que o crescimento da modalidade “deve-se principalmente à introdução das novas regras do

segmento a partir de julho de 2017, possibilitando à Companhia aumentar seu número de novos polos em operação” (Demonstrações financeiras do 3º trimestre de 2017, p. 69). As novas regras citadas no documento foram publicadas no Decreto nº 9.057/17, que tornou menos rígidos os processos de credenciamento, autorização e reconhecimento de cursos superiores à distância.

Dentre as estratégias adotadas em 2017, houve o aumento de 51,1% das despesas com publicidade para a captação de alunos regulares, com destaque para a campanha de lançamento da EaD, que custou o montante de R\$4,8 milhões. A empresa também alocou recursos no desenvolvimento de uma nova plataforma EaD, na reestruturação do portal acadêmico e na criação de uma infraestrutura voltada para a modalidade, como: o credenciamento de novos polos, a criação de estúdios para videoaulas e a contratação de novos professores e tutores. Além disso, houve o credenciamento da UNAMA e da UNINASSAU de Maceió (AL) para a ofertas de cursos EaD.

No ano de 2018, a Ser Educacional intensificou os investimentos na modernização da empresa por meio da contratação de consultoria para o projeto “Ser Digital”, que teve como objetivo preparar a companhia para uma transformação digital, com foco na automatização de todos os processos que envolvem o ensino e a aprendizagem. É importante citar as estratégias de combate a evasão na EaD, cuja taxa foi de 24,0% no primeiro trimestre de 2017 e caiu para 19,4% no mesmo trimestre em 2018. A empresa atribui esse avanço a implantação dos programas Ser Retention System e Tutor Guardiã⁴.

O plano de negócios do grupo seguiu com interesse em seu crescimento orgânico em 2019, concentrando-se na criação de um portfólio de marcas regionais para fortalecer a posição da Ser Educacional tanto nas regiões em que já atua como em novas, sendo assim, a empresa adquiriu a UNINORTE, instituição de ensino superior mais reconhecida de Manaus/AM. O ano em questão foi marcado pela implementação da transformação digital da empresa, com a introdução do modelo “Campus 2.0”, com novas unidades com maior potencial de rentabilidade; maior integração dos cursos presenciais, híbridos e EAD; maior probabilidade de ganho de escala; maior chance de sucesso da unidade e *ramp-up* e maior eficiência de mercado (*payback marketing*).

O Relatório de Sustentabilidade de 2019 mostra que, em sua nova fase de desenvolvimento digital, a empresa investiu o montante de 800 mil na aceleradora de

O grupo Ser Educacional S.A, a governança corporativa e as estratégias de lucratividade: expansão EaD e cultura digital

startups Overdrives, adotou ferramentas de realidade aumentada e de eficiência operacional como o software de inteligência artificial SOFIA, incorporou novos conceitos de ensino com Incentivo para os docentes aderirem à cultura digital, a exemplo da capacitação para a utilização de ferramentas que funcionem *on* e *offline*, e utilização de tecnologias para aplicação e controle de metodologias ativas, como: *quiz*, mapa mental e *Team Based Learning* (TBL) (Relatório de Sustentabilidade, 2019).

Em 2020, com a pandemia do COVID19, a criação de novos polos EaD foi limitada pela emergência sanitária. No entanto, considerando a realidade obrigatória do ensino remoto, a Ser Educacional continuou seus investimentos nas atividades à distância, com a “sala ser digital”, uma plataforma colaborativa que permitiu a interação entre alunos e professores, e a adesão ao modelo acadêmico Ubíqua, que utiliza educação onipresente com base no modelo TPACK (em português - Conhecimento Tecnológico e Pedagógico do Conteúdo), que possibilitou “rapidez e flexibilidade na criação de novos cursos, tais como os cursos digitais e híbridos, atrelados a novas formas de comercialização, tais como *marketplaces* e *e-commerce’s* parceiros” (Demonstrações financeiras do 4º trimestre de 2020, p. 4).

Outras estratégias importantes para a expansão do grupo em 2020 foram a aquisição das instituições UNIFACIMED de Cacoal (RO), UNESC (RO), UNIJUAZEIRO de Juazeiro do Norte (CE) e UNIFASB de Barreiras (BA), além do portal Beduka, primeiro no segmento das *edtechs*. Houve também o lançamento da “EaD Digital”, que significou a introdução do conceito de *life long learning* (educação para a vida toda), justificado pela necessidade crescente de aprendizado em virtude das novas tecnologias. Com isso, também foram lançados os cursos digitais, em que todas as etapas do curso (comercialização, matrícula, diplomação) são realizadas de forma 100% *online*, além do lançamento da Gokursos, um *marketplace* de cursos livres.

Com intuito de ampliar o portfólio de negócios, durante o ano de 2021, a companhia realizou mais aquisições, tais como UNESC e UNIFASB e FAEL, além da compra do Centro de Desenvolvimento da Medicina Veterinária (CDVM), Hospital Veterinário DOK e Plantão Veterinário Ltda e Pet Shop Kero Kolo LTDA, as *Edtechs* Starline Tecnologia S.A. (prova fácil) e da Delinea Tecnologia Educacional LDTA. A comparação entre o relatório financeiro de 2021 e o de 2020 mostra que o movimento de aquisições da companhia serviu para consolidar o aumento de 223,6 mil alunos, em comparação aos 191,2 mil alunos no término de 2020 (Demonstrativo financeiro do 4º trimestre de 2021). Ressalta-se, ainda, que no ano de 2021, o

ensino à distância passou a ser denominado de Ensino Digital e o ensino presencial de Ensino Híbrido/presencial.

Já em 2022, por meio do levantamento de dados da companhia, constatou-se que foi o ano com maior criação de polos de apoio presencial em todas as regiões brasileiras, contribuindo com um crescimento de 30% na base total de alunos e 19,1% da receita líquida, em comparação com o exercício de 2021.

Vale destacar que nesse ano houve a aquisição da UNI7, IES renomada de Fortaleza, e da UNIFAEL, instituição voltada para o ensino EaD; o crescimento da GoKursos e GoDigital.Edu; a inauguração do hospital veterinário da rede DOK; o lançamento da b.Uni, primeira *fintech* focada no atendimento ao segmento de educação continuada; além da rede social profissional Peixe30 (*Release* de Resultados do 4º trimestre de 2022).

Com relação ao ano de 2023, devido ao arrefecimento da pandemia do covid-19 e com objetivo de melhorar sua performance operacional, a companhia adotou a estratégia de fechar *campi* e polos parceiros por meio da devolução de imóveis, manteve o foco em cursos considerados *premium* nas áreas do conhecimento da saúde, engenharia e tecnólogo e concluiu o ano de 2023 com uma base total de 312,9 mil alunos (*Demonstrativo Financeiro*, 2023).

Em 2024, a companhia continuou com a estratégia de otimização operacional por meio do encerramento de atividades “em unidades e polos com baixo desempenho, que inclui a redução do parque imobiliário locado, mesmo quando as unidades em si não são encerradas e permanecem operando com espaços mais enxutos” (*Demonstrativo Financeiro* do 1º trimestre de 2024, p. 22). Além do aumento da participação dos cursos de saúde no portfólio da companhia, cuja participação desses cursos na base total de alunos de graduação passou de 38% no 1º trimestre de 2023 para 43% no 1º trimestre de 2024, uma vez que esses cursos possuem elevada demanda no mercado e *ticket* médio mais elevado (*Release* de Resultados do 1º trimestre de 2024). Vale ressaltar o interesse da companhia em focar seus esforços em cursos na área da saúde, por serem considerados o *ticket* médio mais elevado, visando melhor aproveitar seus diferenciais relativos à estrutura de laboratórios, clínicas e reconhecimento de suas marcas regionais (*Release* de Resultados do 1º trimestre de 2024).

Incorporação da cultura Digital: edtechs e plataformas digitais

A crescente adoção da cultura digital, impulsionada pela aquisição de *startups* pelo Grupo Ser Educacional, vem proporcionando forte crescimento na base total de alunos matriculados, adotando-se a educação digital como nova estratégia de oferta de cursos centrados nas tendências de mercado, com ensino aligeirado e conteúdo digital de elevado nível. Desde o ano de 2018, a companhia vem ampliando estratégias voltadas para a implementação da cultura digital por meio da aquisição de *startups*: Ubíqua (Educação Onipresente), Gokursos, Beduka, Prova Fácil, Delínea, b.Uni e peixe30. Todas essas plataformas ampliam cada vez mais o portfólio de negócios da companhia, disponibilizando aos seus usuários um ecossistema de educação continuada digital, além de oferecer produtos e serviços financeiros como cartão de créditos, seguros, conta digital e outros.

No entanto, a cultura digital, com suas ferramentas e práticas específicas, altera a dinâmica tradicional das atividades educacionais e gerenciais. A implementação dessas plataformas digitais não apenas redefine a forma como o ensino é conduzido, mas também traz repercussões na estrutura organizacional e nas expectativas sobre o corpo docente, especialmente alterações no trabalho que alteram a concepção de ensino, além de esvaziar o conteúdo social do trabalho e das relações sindicais.

Nesse cenário, Grohmann (2021) assevera a importância do papel da comunicação para organizar e mobilizar o trabalho por plataformas digitais, sendo estas o meio de disputa nas dimensões relacionadas ao controle e gestão quanto à resistência e organização dos trabalhadores e trabalhadoras. Vale ressaltar que a cultura digital é parte de um processo mundial em curso denominado trabalho digital, e a educação não está apartada dessa lógica. Para tanto, Antunes (2020), no advento da indústria 4.0⁵ e sob os ditames do capital financeiro, comenta que estamos em uma etapa dominada pelo processo informacional-digital, por meio de equipamentos como celulares, *tablets*, *smartphones* e outros, os quais se tornarão importantes instrumentos de fiscalização e controle nessa nova etapa de ciberindústria do século XXI.

É notório que a crise pandêmica do COVID-19 acelerou o fenômeno de plataformização que já estava em curso em escala global, quando os trabalhadores e trabalhadoras foram autorizadas a trabalhar de forma *home office* e do teletrabalho, redesenhando novas relações de trabalho, uma vez que as atividades laborais agora estavam dentro dos lares dos sujeitos. Logo, este cenário exigiu um novo perfil de trabalhador e trabalhadora e, mais uma vez, as

repercussões a classe trabalhadora estão sendo devastadas a partir da omissão de direitos trabalhistas, precarização, intensificação, invisibilidade, sacrifício e vulnerabilidade.

Sabe-se que uma das principais características do neoliberalismo é a valorização do mercado como regulador das atividades sociais, o que se reflete nas políticas educacionais brasileiras, que têm promovido a privatização e a mercantilização da educação. Isto envolve a expansão de instituições privadas de ensino, como escolas e universidades, e o incentivo ao ensino como um negócio lucrativo, em detrimento da educação como um direito social.

Considerações finais

Num contexto de crescente desenvolvimento tecnológico e informacional e de nova reconfiguração da relação capital-trabalho e da relação público-privado, observamos um avanço, nas últimas 4 décadas, da apropriação rentista da riqueza produzida com ganhos que se justificam pela existência de propriedade, em que o “objetivo prioritário às empresas é a criação de valor acionista: trata[ndo]-se de aumentar por todos os meios a cotação da empresa na Bolsa” (Plihon, 2002, p.24).

Todo contexto acima descrito e as estratégias de gestão delineadas são mediados e impulsionados por um modelo denominado GC, cujo principal atributo não é a lucratividade, como bem aqui quisemos brevemente demonstrar, o lucro é o pressuposto de qualquer empresa capitalista. Sua principal característica é ser o modelo de gestão preconizado na atual etapa do capitalismo, num contexto de rompimento com o ciclo de desenvolvimento do pacto fordista/keynesiano, em que as estratégias exigem nova base de sustentação na superestrutura do capital (Estado, direito, ideologia, cultura, religião) e tem sua pedra de toque no enfraquecimento da relação entre Estado e sociedade (das políticas públicas de trabalho e direitos sociais *lato sensu*) (Dowbor, 2017).

É nesse contexto que o grupo Ser Educacional vem expandindo suas operações, por meio de duas principais estratégias de lucratividade: a expansão da EaD e a incorporação de uma cultura digital. O investimento na EaD foi subsidiado pelas flexibilizações jurídicas em torno dessa modalidade, regulamentadas pelo Decreto nº 9.057/17, e pela aquisição da UNIFAEL, em 2022, o primeiro Centro Universitário 100% EaD do país. De 2017 a 2022, a empresa empregou esforços para a criação de uma cultura digital, inicialmente, por meio da automatização dos processos e maior integração dos cursos presenciais e EaD, depois, por meio da aquisição de *edtechs*, adoção de ferramentas de inteligência artificial, de tecnologias

O grupo Ser Educacional S.A, a governança corporativa e as estratégias de lucratividade: expansão EaD e cultura digital

para a aplicação de metodologias ativas, do modelo acadêmico Ubíqua, além do lançamento da linha de cursos digitais.

A consolidação da cultura digital tem se fortalecido como principal estratégia de gestão do Grupo Ser, com aquisição de *fintechs* e *edtechs*, implicando diretamente em redefinições na própria concepção de educação e ensino conduzido, com repercussões na estrutura organizacional das empresas subsidiárias e expectativas sobre o corpo docente, especialmente alterações nas relações de trabalho, além de esvaziar o conteúdo social do trabalho e das relações sindicais.

Um achado importante da pesquisa documental na plataforma e-MEC foi a identificação de polos presenciais do grupo Ser Educacional no exterior. Foram localizados dois polos nos Estados Unidos, sendo um na Flórida, na cidade de Orlando, criado em 2023; e outro na Geórgia, na cidade de Marietta, criado em 2024. Essa movimentação é importante de ser acompanhada, pois pode significar uma estratégia de lucratividade via transnacionalização da oferta educacional.

Referências

ANTUNES, Ricardo. Trabalho intermitente e uberização do trabalho no limiar da indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (Org.). **Uberização, trabalho digital e indústria 4.0**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-22

BANCO MUNDIAL. **La enseñanza superior**: las lecciones derivadas de la experiencia. Washington Distrito de Columbia., 1995. Disponível em: <https://www.epsjv.fiocruz.br/upload/doc/ensenanza.pdf>. Acesso em: 28 jul. 2024.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. Prefácio. In: Chesnais, François. **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. 2005. p. 7-16

BRETTAS, Tatiana. **Capitalismo dependente, neoliberalismo e financeirização das políticas sociais no Brasil**. 1ª ed. Consequência, 2020.

CHESNAIS, François. **A Mundialização do Capital**. São Paulo: Xamã, 1996.

CHESNAIS, François (org.). **A Mundialização Financeira**: gênese, custos e riscos. 1ª ed. São Paulo: Xamã, 1998.

CHESNAIS, François (org.). **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências (tradução de Rosa Maria Marques e Paulo Nakatani). São Paulo: Boitempo, 2005, 255 p.: il. Traduzido de: *La finance mondialisée: racines sociales et politiques, configuration, conséquences*. 2005.

COUTROT, Thomas. Organização do trabalho e financeirização das empresas: a experiência europeia. In: Ferreira, Carla; Scherer, André F. (Orgs.). **O Brasil frente a ditadura do capital financeiro**: reflexões e alternativas. p. 53-89. Lajeado: UNIVATES, 2005.

DOWBOR, Ladislau. **A era do capital improdutivo**: Por que oito famílias têm mais riqueza do que a metade da população do mundo?. São Paulo: Autonomia Literária, 2017.

GUTTMANN, Robert. A transformação do capital financeiro. **Economia e sociedade**, v. 5, n. 2, p. 51-83, dez. 1996. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ecos/article/view/8643180/10725>. Acesso em: 21 jul. 2024.

GROHMANN, Rafael. Introdução: Trabalho em plataformas é laboratório da luta de classes. In: GROHMANN, Rafael. **Os laboratórios do trabalho digital**: entrevistas. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021. p. 13-23.

IBGC. **Código das melhores práticas de governança corporativa**. 5ª ed. Instituto Brasileiro de Governança Corporativa. São Paulo: IBGC, 2015.

KATO, Fabíola Bouth Grello, CHAVES, Vera Lúcia Jacob; MEGUINS, Rosimê da Conceição. O modelo de governança corporativa na educação superior e as repercussões no trabalho docente: um estudo de caso. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, V. 28, n. 9, p. 1-29, jan. 2020. Dossiê especial *O trabalho na educação superior*. Arizona State University.

Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/4890/2368>.

KATO, Fabíola Bouth Grello; CORDEIRO, Tarcísio da Silva; COSTA, Carolina Costa da. A governança corporativa como modelo de gestão das empresas educacionais financeirizadas: o caso do Grupo Ser Educacional SA. **Revista Cocar**. Edição Especial, n. 20, p. 1-19, 2023.

Disponível em: <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/view/7539>. Acesso em: 20 jul. 2024.

PLIHON, Dominique. A economia de fundos próprios: um novo regime de acumulação financeira. In: CHESNAIS, François.; PLIHON, Dominique. **As armadilhas da finança mundial**: diagnósticos e soluções. Lisboa: Campo da Comunicação, p. 15-33, 2003.

PLIHON, Dominique. As grandes empresas fragilizadas pela finança. In: CHESNAIS, François. **A finança mundializada**: raízes sociais e políticas, configuração, consequências. São Paulo: Boitempo, 2005.

POLIZEL, Caio; STEINBERG, Herbert. **Governança corporativa na educação superior**: casos práticos de instituições privadas (com e sem fins lucrativos). 1ª ed. São Paulo: Saraiva, 2013.

SAWYER, Malcolm. What Is Financialization?. **International Journal of Political Economy**. v. 42, n. 4, p. 5-18, 2013. Disponível em:

<https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.2753/IJP0891-1916420401>. Acesso em: 18 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP)** – 30/9/2017.

Informações Trimestrais (ITR). Recife: Ser Educacional, 2017. Disponível em:

<https://tinyurl.com/4puafunw>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP)** – 31/12/2020.

Informações Trimestrais (ITR). Recife: Ser Educacional, 2017. Disponível em:

<https://tinyurl.com/396p5ps9>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. Histórico. **Ser Educacional - Relação com os Investidores**, [on-line], 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdd4vxyu>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Relatório de Sustentabilidade – 2019**. Recife: Ser Educacional, 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/25s4vmhw>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP)** - 31/12/2022. Informações Trimestrais (ITR). Recife: Ser Educacional, 2022. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/4e9e23d7-cea5-42fd-bfo6-7a7ca01880fc/c18f1ad4-70c5-4c7e-a99c-d2eb3b9bd24d?origin=1>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP)** - 31/12/2023. Informações Trimestrais (ITR). Recife: Ser Educacional, 2023. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/4e9e23d7-cea5-42fd-bfo6-7a7ca01880fc/c18f1ad4-70c5-4c7e-a99c-d2eb3b9bd24d?origin=1>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Demonstrações Financeiras Padronizadas (DFP)** - 31/12/2020. Informações Trimestrais (ITR). Recife: Ser Educacional, 2020. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/4e9e23d7-cea5-42fd-bfo6-7a7ca01880fc/c18f1ad4-70c5-4c7e-a99c-d2eb3b9bd24d?origin=1>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. Histórico. **Ser Educacional – Relação com os Investidores**, [on-line], 2019. Disponível em: <https://tinyurl.com/bdd4vxyu>. Acesso em: 21 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. **Relatório de Sustentabilidade – 2019**. Recife: Ser Educacional, 2019. Disponível em: <https://api.mziq.com/mzfilemanager/v2/d/4e9e23d7-cea5-42fd-bfo6-7a7ca01880fc/4cdb261a-7e1b-4540-a391-c24e4571ddfd?origin=1>. Acesso em: 25 jul. 2024.

SER EDUCACIONAL. Release de Resultados (1º trimestre de 2024). Recife: Ser Educacional, 2024. Disponível em: <https://ri.sereducacional.com/informacoes-financeiras/documentos-entregues-a-cvm/>. Acesso em: 25 jul.2024.

SER EDUCACIONAL. Release de resultados (4º trimestre de 2022). Recife: Ser Educacional, 2022. Disponível em: <https://ri.sereducacional.com/informacoes-financeiras/documentos-entregues-a-cvm/>. Acesso em: 25 jul. 2024.

TRICONTINENTAL, Instituto de Pesquisa Social. **A educação brasileira na Bolsa de Valores: impactos da pandemia e do capital** / Instituto Tricontinental de Pesquisa Social e FRONT: apresentação de Roberto Leher. 1ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2024. Disponível em: https://expressaopopular.com.br/wp-content/uploads/2024/03/a-educacao-brasilera-na-bolsa-baixa.pdf?utm_campaign=livro_completo&utm_id=a-educacao-brasilera-na-bolsa-de-valores-impactos-da-pandemia-e-do-capital-disponivel-apenas-em-pdf. Acesso em: 25 jul. 2024.

Notas

¹ É importante destacar que, em dezembro de 2023, após uma trajetória bem-sucedida de 15 anos, o Fórum das Entidades Representativas do Ensino Superior Privado/FERESP passou por um processo de reformulação da sua agenda política e programática. A nova nomenclatura, Brasil Educação: Fórum Brasileiro de Educação Particular, ampliou o seu escopo e raio de atuação na política educacional, o que, até então, ocupava-se exclusivamente da educação superior. Com este novo formato, passaram a representar todos os níveis e todas as modalidades educacionais: educação básica, superior, profissional, tecnológica e à distância.

- ² Para Guttman (1996, p. 02), o capital financeiro pode ser definido como um “circuito de investimento, cuja base é crédito e ativos “em papel” redistribuidores de renda, em contraste com produção e ativos “produtivos” criadores de renda”.
- ³ Este artigo está vinculado às pesquisas desenvolvidas no âmbito do Eixo 1 da Rede Universitas BR e está ligado à pesquisa financiada pelo edital 031/2023 da Universidade do Estado do Amapá, Programa de Apoio Financeiro a Projetos de Pesquisas sob o título "DIMENSÕES DA FINANCEIRIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO SUPERIOR: O MODELO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA, TRABALHO DOCENTE E AS NOVAS ESTRATÉGIAS MERCADOLÓGICAS DO GRUPO SER EDUCACIONAL S.A (2018-2023)".
- ⁴ O Tutor Guardião acompanha o aluno desde a matrícula, auxiliando com o primeiro acesso à plataforma e incentivando o aluno a superar suas dificuldades, além de orientar nos assuntos acadêmicos. Uma das atribuições do Tutor Guardião é a ligação para todos os alunos matriculados, com meta estabelecida por dia.
- ⁵ Essa proposta nasceu na Alemanha, em 2011, concebida para gerar um novo e profundo salto tecnológico no mundo produtivo (em sentido amplo) estruturado a partir das novas tecnologias da informação e comunicação (TIC), que se desenvolvem de modo célebre (Antunes, 2020, p. 13-14).

Sobre as autoras

Fabíola Bouth Grello Kato

Doutora em Educação. Professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Vice-líder do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Educação Superior (GEPES), pesquisadora vinculada à ANPEd e à Rede Universitas.

E-mail: fabiola_kato@hotmail.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0002-5396-9128>

Amanda Oliveira de Almeida Alves

Doutoranda em Educação. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Discente vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Educação Superior (GEPES) e à Rede Universitas.

E-mail: amandaalmeida.ufpa@gmail.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0003-2201-5265>

Elioenai Silva Lazame

Doutoranda em Educação. Mestra em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP). Discente vinculada ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre a Educação Superior (GEPES) e à Rede Universitas.

E-mail: elioenaisilvalazame@gmail.com. **Orcid:** <https://orcid.org/0000-0001-6816-2346>

Recebido em: 06/09/2024

Aceito para publicação em: 04/09/2024